

SAMBA, COCOS E CATERETÊS, por Oscar Wanderley<sup>1</sup>

Naquela noite, depois de havermos volteado ruas e avenidas da cidade, já quase às vinte horas reunimo-nos na “Villa Cascudo”, em volta de uma sala iluminada e florida.

Éramos seis. O Mário de Andrade, curvado sobre o piano a beber, com atenção reverente e concentrada, todas as toadas e canções que lhe diziam, em surdina alguns dos que ali estavam; o Alberto da Câmara, cioso por penetrar o gabinete de estudos do Luís Cascudo e lá concentrar-se por minutos ao menos nas páginas claras, transparentes e maravilhosas de alguns prosadores sentimentais; o Aracy Britto, a revelar-nos, vez por outra, certas novidades extravagantes e burlescas; o José Hugo, o Zezé das nossas rodas desportivas, filtrando, através das suas palavras, a alegria jovial que lhe ia n’alma; o Vicente Gama, preocupado, mais que nós outros, com o motivo dos “choros” e dos “cateretês” e eu.

Nas paredes, quadros pendiam, resplandecentes, oculados de esplêndidas guarnições.

Telas, aqui e ali, em molduras sóbrias.

Bronzes e mármore sobre o piano. E suspensa do alto, a lâmpada indiscreta e venerável, clareando a quietude da serata.

Lá fora, pelas avenidas amplas do Tirol, rapazes e raparigas passavam, em surdo deslize. Perdiam-se nas dobras de caminho ermo, e só de muito longe deixavam escapar o rumor confuso que as suas vozes faziam.

Afinal de conta o Mário de Andrade acolheu-nos com uma familiaridade encantadora.

As suas palavras, logo ao receber-nos no vasto alpendre todo adornado de trepadeiras lindas, sob a benção das estrelas, calaram no nosso espírito com um pouco de emoção e de beleza.

As mãos longas de dedos muito finas, cor de marfim velho, na extremidade de dois longuíssimos braços, faziam gestos despreocupados, entremeando as nossas primeiras saudações.

---

<sup>1</sup> Advogado, professor da Escola Normal de Natal – filho do poeta Ezequiel Wanderley.

De vez em quando o Alberto espriava o olhar até a sala de estudos do Câmara Cascudo, como a querer adivinhar o mundo de sentimentos que aquelas prateleiras continham.

O Alberto da Câmara é um ardente apaixonado pelos bons livros. É capaz de percorrer quilômetros, em busca de um volume que conserve, bem nítida, a psicologia da vida, que é para ele o seu melhor poema, enchendo-lhe a alma de profundas emoções.

A nossa conversação foi, porém, interrompida pela oferta, de algumas porcelanas de café, que sorvemos pausadamente, ora a ouvir o que nos dizia o autor de *Macunaíma* sobre coisas de “bruxaria”, ora a rir das brejeirices do Zezé.

Eu não tinha ainda me aproximado, na intimidade, do Mário de Andrade. Vi-o umas duas vezes, na sala da redação d’*A República*, não sem a viva curiosidade que o seu nome desperta, nem sem o sincero desvanecimento que a sua presença conquista.

Foram minutos, apenas. O bastante para algumas ligeiras e sem cerimoniaosas apresentações. O suficiente para que o Antônio Bento nos formasse conhecidos. E só.

Não sei se todos os senhores já o viram por aí, á cata de sambas, de cocos, de pastoris, de cheganças, de bois e quejandos. Viram-no, decerto. Eu é que dele sabia muito pouco. Quase nada mesmo.

Sempre, aqui na redação é o Damasceno Bezerra quem me diz que o Mário de Andrade está ansioso por assistir a um “catimbó”, lá para as bandas do Alecrim, e teria de levá-lo, custasse o que custasse, à frente dos seus adivinhos e curandeiros...

Mas, o Mário de Andrade raro aparece pelo jornal.

Ele sabe, perfeitamente, que está incorrendo num grave pecado. Num feio pecado que o snobismo da hora presente talvez jamais perdoará.

Que importa? Mário é um animador singular de tradições. Poucas vezes tem cantado aos meus ouvidos tanto ardor, tanto talento, tanto nacionalismo.

E que talento! Cheio de audácia e de eloquência.

A sua arte é comumente nossa. Da nossa terra e da nossa gente. É a arte nacional. A que vai vencendo, heroicamente. Vencendo más vontades e prevenções. Porque é a música que todos procuram. É o folclore musical brasileiro. Mário compraz-se na observação da arte e dos costumes do povo. Em todas as suas criações surge, abrasada de sol, a gente tostada e rude dos nossos sertões bravios, ingenuamente pitoresca nos seus costumes, nos seus atavios, no seu próprio linguajar...

Na obra artística que vem esboçando, nordeste adentro, com sua fragmentária e dispersiva, nem por isso deixa de possuir um esforço de originalíssima personalidade.

É ele, de facto, um dos raros escritores que conseguiram fugir à epidemia do romantismo ingênuo e inconsequente.

Naquela noite, o que me deteve, tantas horas, ao lado de Mário de Andrade, não foi o

“Ó mulher sai do sereno  
Que este sereno faz mal...”

Não foram, apenas, as toadas que me interessavam. Mas, a honestidade estrutural do caráter artista-escritor, transbordando para a sua obra. É exata. Flagrante Viva.

Como eram expressivas as suas atitudes ao ouvir do Vicente e [ilegível], depois para o pentagrama do papel,

“Eu vou pra venda  
compra um xale sem bolotas  
pra yayá botá nas costa  
Ir pra rua passeá...”

Pela originalidade das trovas o poder evocador das canções, para criação da vida íntima e fantástica dos lundus, por isso tudo, Mário de Andrade tinha sempre um – magistral! – sobretudo quando o Aracy Britto, cochichando nos ouvidos do Gama, levantando a voz, dizia:

“Chico Polino tem um fio  
Qui está home...  
O bicho quando tem fome  
S'tá damnado pra brigá...”

Conversou-se. Anedotas. Episódios. Comentários. Decorrem minutos agradáveis.

Afinal, o Alberto da Câmara satisfeito no seu desejo íntimo. Sobranceia uns três ou quatro livros por empréstimo do Luiz Cascudo.

Está radiante!

Vi o relógio. Eram mais de vinte e duas horas. Despedimo-nos alguns passos, ainda, ouvíamos Mário cantarolar, aquelas toadas, aqueles pregões nortistas, com maior ternura, com a maior emoção talvez com que, minutos antes nos havia falado dos poemas do meio dia...

*A República*, Natal-RN, 08 ago. 1928, p. 01